

Embaixador descarta a hipótese de moratória

por Maria Helena Tachinardi
de Brasília

O embaixador do Brasil em Washington, Marcílio Marques Moreira, descartou ontem para este jornal que o governo esteja preparando uma moratória dos pagamentos da dívida depois da medida adotada no último fim de semana de centralização de todas as operações cambiais no Banco Central.

“Não há nenhuma solução de continuidade a vista. Não se pensa em fazer moratória. Continuamos a ter conversações com o Banco Mundial (BIRD), com o Tesouro e com os bancos comerciais no sentido de continuarmos um processo de financiamento de nossas necessidades”, declarou, explicando que sua visita ao Brasil para contatos com o presidente José Sarney, com os ministros da área econômica e com o Itamaraty, deve-se à necessidade de se fazer uma avaliação da economia mundial e de seus reflexos na economia interna.

“Vim para informar e ser informado, fazer um painel”, depois de seis meses de ausência no País, acrescentou, afastando a idéia de que fora chamado pelo presidente para receber instruções sobre uma possível moratória.

Marques Moreira define a centralização do câmbio como um complemento às duas outras medidas — a desvalorização do cruzado ante o dólar de 11,98% e a criação do Bônus do Tesouro Nacional (BTN) com cláusula de correção cambial, cujo objetivo é evitar a deterioração das reservas. O embaixador lembra que o fato de a desvalorização do cruzado em 17% em janeiro ter trazido resultados positivos estimulou a reaplicação dessa medida.

Sobre o Plano Brady, disse que os norte-americanos esperam concluir as negociações com o México dentro de duas a quatro semanas e que estas serão um “paradigma” para a Venezuela, a Costa Rica, a Argentina e o Brasil. O embaixador nota que são sig-



**Marcílio Marques
Moreira**

nificativas as diferenças entre esses países, pois o México fez um ajustamento interno, mas não conseguiu o externo, o Brasil fez seu ajuste externo, mas ainda não completou o seu processo de estabilização da economia, e a Argentina não realizou nenhum dos dois. Segundo ele, o Tesouro e o Congresso norte-americano, estão pressionando os bancos para que cumpram a sua parte no Plano Brady.

Marques Moreira não acredita na descontinuidade dos financiamentos ao Brasil apenas porque o governo Sarney está chegando ao fim. “Há um calendário democrático e outro econômico. É preciso haver uma tentativa de ajustamento dos dois”, afirmou, salientando que dentre os banqueiros e dirigentes de organismos financeiros multilaterais não há um pensamento monolítico, como aqui no Brasil, a respeito de continuar a negociar e a conversar.

Marques Moreira também tem relatado a Sarney e aos diplomatas os seus contatos com as autoridades norte-americanas sobre as relações bilaterais. Disse que a tendência, no contencioso com os EUA acerca a de inclusão do Brasil na lista dos parceiros desleais de comércio, é a realização de consultas dentro do Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT), conforme proposta brasileira.